

O conceito de sílaba em João de Barros (1540)

Leonardo Ferreira KALTNER¹

Melyssa Cardozo Silva dos SANTOS²

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;
| leonardokaltner@id.uff.br | <https://orcid.org/0000-0003-3690-3132>

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;
| cardozomelyssa@id.uff.br | <https://orcid.org/0000-0003-0279-1611>

Resumo: O artigo trata do conceito quinhentista de sílaba, que era o elemento fundamental da prosódia, na obra *Gramática da língua portuguesa* (Barros, 1540) de autoria do humanista João de Barros (c.1496-1570), considerada a primeira gramática humanística que descreveu a língua portuguesa. A obra de João de Barros teve uma possível recepção no pensamento linguístico de José de Anchieta (1534-1597), autor do primeiro texto grammatical escrito no território do Brasil. Nosso intuito é debater, em perspectiva historiográfica, como Barros definiu o conceito de sílaba, que foi derivado inicialmente da tradição de pensamento grammatical e filosófico greco-latino, e se tornou um metatermo grammatical importante na descrição dos sons da língua portuguesa desde o século XVI, quando iniciou o processo de gramatização das línguas naturais no contexto do Renascimento europeu. Barros empregou uma visão teórica dos acidentes da sílaba em sua descrição grammatical e esse é o tema central do estudo. O emprego do metatermo sílaba é contínuo até o advento da Linguística contemporânea, e é registrado ainda nos dias de hoje como um instrumento didático para a aquisição da escrita e para o letramento em língua portuguesa. Para a análise da descrição do conceito quinhentista de sílaba, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística, ao propor uma análise historiográfica sobre o tema, que vincula a sílaba historicamente não só à gramática do século XVI, mas também ao canto e à poesia quinhentistas. Por fim, concluímos que Barros registrou em sua gramática a diferença da prosódia da língua portuguesa em relação ao latim, ao demonstrar por sua descrição grammatical como ocorria a acentuação em língua portuguesa especificamente.

Palavras-chave: Gramaticografia. Humanismo renascentista. Sílaba. Língua Portuguesa. João de Barros.

The Concept of the Syllable in João de Barros (1540)

Abstract: This article addresses the 16th-century concept of the syllable, the fundamental element of prosody, in the work *Gramática da língua portuguesa* (Barros, 1540) by the humanist João de Barros (c. 1496-1570), considered the first humanistic grammar to describe the Portuguese language. João de Barros's work possibly influenced the linguistic thought of José de Anchieta (1534-1597), the author of the first grammatical text written in Brazil. Our aim is to discuss, from a historiographical perspective, how Barros defined the concept of the syllable, which was initially derived from the Greco-Latin grammatical and philosophical tradition. The syllable became a key grammatical

metaterm for describing the sounds of the Portuguese language starting in the 16th century, during the process of grammaticalization of natural languages in the context of the European Renaissance. Barros employed a theoretical view of the “acentos da sílaba” in his grammatical description, and this constitutes the central theme of this study. The use of the metaterm “sílaba” has persisted through the advent of contemporary linguistics and remains relevant today as a didactic tool for teaching writing and literacy in Portuguese. For the analysis of the 16th-century concept of the syllable, we adopt the theoretical and methodological assumptions of the Historiography of Linguistics, proposing a historiographical examination that links the syllable historically not only to 16th-century grammar but also to 16th-century singing and poetry. Finally, we conclude that Barros recorded in his grammar the differences in the prosody of the Portuguese language compared to Latin, specifically demonstrating through his grammatical description how accentuation occurred in Portuguese.

Keywords: Grammaticography. Renaissance Humanism. Syllable. Portuguese Language. João de Barros.

| Introdução

Os estudos de Historiografia Linguística no Brasil desde 1996, com a fundação do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da Anpoll, têm se orientado para tratar de questões relativas à história da gramática no contexto brasileiro, entre outros temas relativos ao desenvolvimento histórico do pensamento linguístico no Brasil, sob o modelo teórico de análise pelos princípios koernianos de contextualização, imanência e adequação teórica (Koerner, 2014, p. 58-59). Como a tradição gramatical brasileira é, inicialmente, fruto de uma “linguística de recepção” (Altman, 2018), as reflexões sobre a tradição gramatical portuguesa, e as relações luso-brasileiras, na constituição do pensamento linguístico no Brasil são também objeto de análise e de reflexão constantes, para se compreender esse contexto específico. A obra inaugural da tradição gramatical no Brasil, que marcou a chegada da metalinguagem ocidental ao território, foi a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (Anchieta, 1990 [1595]; Cavaliere, 2022), escrita no Brasil, mas impressa em Portugal, cujo autor foi o missionário jesuíta José de Anchieta (1534-1597).

Nosso estudo tem por tema o estudo da metalinguagem gramatical no contexto luso-brasileiro da América portuguesa quinhentista, então colônia ultramarina do reino de Portugal, em que se busca compreender a influência de fontes europeias no pensamento linguístico de Anchieta. Como se trata de um estudo sobre o contexto quinhentista ocidental, a metalinguagem empregada à época

ainda era de base greco-latina, conforme teorizado por Auroux sobre o “fundo latino” da metalinguagem ocidental (1992, p. 42), ao descrever a segunda revolução tecnológica da gramatização, que englobava as gramáticas renascentistas europeias sob o modelo da “gramática latina estendida” (*grammaire latine étendue*) (Auroux, 1992, p. 43-44), isto é, como obras surgidas da adaptação de conceitos gramaticais greco-latinos na formação de sua metalinguagem. A obra grammatical de Anchieta derivou dessa fonte greco-latina, assim como a de João de Barros (c. 1496-1570), que o antecedeu.

Para se compreender e analisar o pensamento linguístico de Anchieta e desenvolver uma exegese de sua obra grammatical, uma metodologia possível é investigar as possíveis fontes gramaticais de seu pensamento linguístico. Entre essas possíveis fontes teóricas, está a *Gramática da língua portuguesa* (Barros, 1540) de Barros, selecionada para este estudo, obra que é considerada por alguns historiografos a primeira gramática da língua portuguesa, “a obra mais representativa desse humanismo” do Renascimento (Buescu, 1984, p. 35), mesmo que tenha sido posterior ao texto *Gramática da linguagem portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira (1507-1581).

A obra grammatical de Barros, que teve possível recepção no pensamento linguístico de Anchieta, também influiu na educação de missionários da América portuguesa quinhentista e em outros contextos ultramarinos, assim como a gramática de Fernão de Oliveira: “Portuguese missionaries probably had access to the first grammars of Portuguese – those of Fernão de Oliveira (1507-post 1581) and João de Barros (1496–1570)” (Zwartjes, 2011, p. 30). Analisar a gramática vernácula de Barros torna-se, portanto, um dos meios para se compreender a gramática de Anchieta, e o intuito de nosso estudo é debater o conceito de sílaba na obra do gramático português, o que pode auxiliar a compreender qual conceito de sílaba estava vigente à época em que Anchieta escreveu a sua gramática, provavelmente entre os anos de 1554 e 1556, na localidade de Piratininga, na antiga Capitania de São Vicente, no Brasil, ainda que tenha sido a sua gramática impressa na tipografia-régia de Coimbra apenas em 1595 (Kaltner; Santos 2023).

Na gramática de Anchieta não há uma definição do conceito de sílaba, apenas o seu emprego, mas a grafia quinhentista do metatermo grammatical “syllaba” pelo missionário jesuíta é idêntica à grafia empregada por Barros, como se percebe na edição semidiplomática da base de dados dos *Portugaliae Monumenta Linguistica*, do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em Portugal, e na base de dados do *Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux*, sediado na Université de Lyon na França. O fato de a grafia do metatermo grammatical ser a mesma tanto para Barros quanto para Anchieta

não é argumento suficiente para mostrar uma influência direta entre ambas as obras, mas indica que participavam do mesmo clima de opinião (*climate of opinion*), conforme o conceito koerniano (Koerner, 2014).

Esse também é um fato que demonstra serem ambas as obras contextualizadas no humanismo renascentista europeu do século XVI, o movimento intelectual que emergiu no contexto inicial de Florença, pela recepção da obra e do pensamento de Francesco Petrarca (1304-1374) (Bagno, 2023, p. 161-163). Dessa forma, as gramáticas estavam também vinculadas à mesma rede de “usuários” (Swiggers, 2019), em Portugal à sua época, em que o metatermo sílaba circulava com a mesma grafia latinizada: “syllaba”.

O humanismo foi uma corrente de pensamento do Renascimento que derivou de reflexões teóricas sobre as línguas vernaculares e a gramática, inicialmente no contexto itálico com a “*questione della lingua*” (questão da língua) no século XV, e entrou em embate teórico com a escolástica medieval em sua difusão pela Europa dos séculos XV e XVI, uma época que ficou marcada pelo emprego dos vernáculos na descrição gramatical e no desenvolvimento de uma metalinguagem moderna no contexto ocidental (Auroux, 1992; Bagno, 2023).

| O conceito de sílaba na gramática de João de Barros (1540)

O conceito de sílaba é descrito por João de Barros em sua *Gramática da língua portuguesa* logo no início da obra (Barros, 1540, fol. 3v-4v), em uma descrição relativamente sucinta, como um elemento da gramática humanística que está hierarquicamente acima da “letera” (letra) e abaixo da “diçam” (vocabulo, palavra). Barros emprega a divisão da gramática em quatro partes, ao seguir o modelo greco-latino em sua definição do que é gramática: “Grammatica em quarto pártes, ñ Ortografia, que tráta de letera, em Prosodia, que tráta de syllaba, em Ethimologia, que tráta da diçam e em Syntaxis, a que respõde a cõstruçã” (Barros, 1540, fol. 2v).

A sílaba é uma unidade da escrita, tendo em vista que possui representação gráfica própria, com a combinação de uma letra vogal com as consoantes. Para João de Barros uma vogal isolada não constitui sílaba, como veremos mais adiante em pormenores. Ao mesmo tempo, a sílaba vinculava diretamente a fala à escrita, pois é constituída como uma unidade de escrita que pode ser pronunciada individualmente, isto é, possui uma prosódia, ou um valor sonoro, diferentemente da letra consoante isolada, por exemplo. O nome das letras consoantes, inclusive, eram sílabas: bê-cê-dê etc. (Barros, 1540).

Vejamos a fonte primária da gramática de João de Barros, em imagens do *fac-símile* da edição de 1540, no excerto específico em que há o conceito de sílaba:

Figura 1. Da sílaba e seus acidentes

DA SYLLABA E
seus acidentes.
Syllaba, é húa das quátro pártes da nóssa Gram-
mática que corresponde á Prosodia, que quer dizer
ácento e canto: aqual Syllaba é aiútamēto de húa uo-
gal

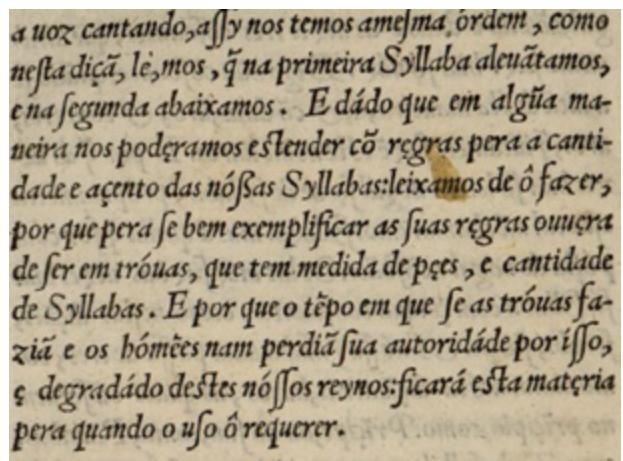
Fonte: Barros (1540, fol. 3v)

Figura 2. Da sílaba

DA SYLLABA 4
gal, cõ húa e duas e as uezes tres cõsoantes, que iuita-
mente faz è húa só uoz. Digo húa cõsoante, quâdo se
a iuita de sta maneira, li, e cõ duas, uro, e com tres,
uros, q iuitamēte faz è este nome liuros. E por q ás ue-
zes húa só letera uogál serue de syllaba, propriamente
esta tal nã chamaremos syllaba: mas á quella q for com
posta de uogal e cõsoante. Os latinos faz è ás uezes húa
só syllaba com cinqüo cõsoantes: como nestas dições,
scrobs, stirps. A nóssa syllaba nam pássia de tres, co-
mo uimos nestas diçã atras, liuros, as quáes ou seruem
no princípio, como. Príncipe, ou no fim, como, Rainhas.
Toda syllaba tem tres acidentes, Número de le-
teras, Espaço de tempo, Acêto alto ou baixo. O nu-
mero de leteras, ia ó uimos pelos exemplos atras. Espa-
ço de têpo, por q húas sam curtas e outras lôgas, como
nesta diçã. Bárbara, q aprimeira é lôga. e as duas sã
breues. Por que tanto têpo se gâsta na primeira, como
nas duas seguintes, á semelhança dos músicos, os quáes
tanto se detê no ponto desta primeira figura bár, como
nas duas derradeiras, bo, ru. E os Latinos e Gré-
gos, sente milhor o têpo das syllabas, por causa do uer-
jo, do q ó nós sintimos nas trouas: por q casi mais espe-
ra a nóssa orelhão consoante, q a cãidade, dado q a tê.
O terceiro acidente da Syllaba, é canto alto ou
baixo: por que como os músicos aleuantam e abaixã
a iiii a uoz

Fonte: Barros (1540, fol. 4r)

Figura 3. Da sílaba, parte final



a uoz cantando, assy nos temos amejma órdem, como
nesta diçā, le, mos, q̄ na primeira Syllaba aleuātamos,
e na segunda abaixamos. E dādo que em algūa ma-
neira nos podēramos eslender cō regras pera a canti-
dade e acento das nōssas Syllabas: leixamos de ó fazer,
por que pera se bem exemplificar as suas regras ouuera
de ser em tróuas, que tem medida de p̄ces, e cantidade
de Syllabas. E por que o tēpo em que se as tróuas fa-
ziā e os hóm̄ices nam perdiā sua autoridáde por iſſo,
e degradado desles nōssos reynos: ficará esta materia
pera quando o uso ó requerer.

Fonte: Barros (1540, fol. 4v)

Vejamos a seguir a transcrição em edição semidiplomática desse excerto da gramática, a fim de evidenciar a fonte primária, que analisaremos a seguir:

Da syllaba e seus açidentes.

Syllaba, é hūa das quátro pártes da nōssa Grammática que corresponde á Prosodia, que quér dizer acento e canto: aqual Syllaba é aiütamēto de hūa uogal, cō hūa e duas e as uezes tres cōsoantes, que iūtamēte fazē hūa só uóz. Digo hūa cōsoante, quādo se aiütā desta maneira, li, & cō duas, uro, & com tres, uros, que iūtamēte fazē este nome liuros. E por que ás uezes hūa só letera uogál sérue de syllaba, prōpriamēte a esta tál nā chamaremos syllaba: mas àquella que for compósta de uogal e cōsoāte. Os latinos fazē ás uezes hūa só syllaba com çinquo consoantes: como nestas dições, scrobs, stirps. A nōssa syllaba nam pássa de tres, como uimos nesta diçā atras, liuros, as quáes ou séruem no prícipio, como. Príçipe, ou no fim, como, Raínhas. Toda syllaba tem tres açidentes, Numero de leteras, Espaço de tempo, Açēto áltō ou báixo. O numero de leteras, ia ó uimos pelos exemplos atras. Espaço de tēpo, por que hūas sam curtas e outras lōgas, como nesta diçā. Bárbara, que a primeira é lōga. & as duas sã breues. Por que tāto tēpo se gásta na primeira, como nas duas seguintes, à semelhança dos musicos, os quáes tanto se detē no ponto desta primeira figura bár, como nas duas derradeiras, bo, ra. E os Latinos e Grégos, sentē melhor o tēpo das syllabas, por causa do uérso, do que ó nós sintimos nas trouas: por que casi mais espéra a nōssa orella o consoāte, que a cātidade, dado que a tē. O terceiro açidente da

Syllaba, é canto áltō ou baixo: por que como os musicos aleuantam & abaixā a uoz cantando, assy nos temos a mesma órdem, como nesta diçā, le,mos, que na primeira Syllaba aleuātamos, e na segunda abaixamos. E dādo que em algūa maneira nos podéramos estender cõ régras pera a cantidade e acento das nossas Syllabas: leixamos de ô fazer, por que pera se bem exemplificar as suas régras ouuéra de ser em tróuas, que tem medida de pées, e cantidade de Syllabas. E por que o tēpo em que se as tróuas faziā e os hómēes nam perdiā sua autoridáde por isso, é degradado destes nossos reynos: ficará esta matéria pera quando o uso ô requerer (Barros, 1540, fol. 3v-4v).

Pelo princípio koerniano de “imanência” (Koerner, 2014), devemos fazer uma análise dos pormenores do texto gramatical. Como um comentário inicial acerca do pensamento linguístico de João de Barros, podemos notar que a sílaba em sua gramática da língua portuguesa é apresentada como um elemento da prosódia, que significa acento e canto: “Syllaba, é hūa das quátro pártes da nostra Grammática que corresponde á Prosodia, que quér dizer acento e canto” (Barros, 1540, fol. 3v). O gramático apresenta uma tradução direta do termo grego ao português, e o desmembra em dois outros conceitos relativos a dois gêneros de manifestação do som, a fala, que marca o acento natural da língua portuguesa, e o canto, que deriva da técnica de cantar na língua vernácula.

Pelo princípio de “adequação teórica” de Koerner (2014), podemos interpretar a gramática de Barros a partir de nossa perspectiva contemporânea por analogia, com o cuidado de se evitar anacronismos. A referência ao acento e canto, em termos contemporâneos, pode se vincular à escrita em prosa e em poesia, e às diferenças estilísticas do emprego da língua escrita para a ciência e para o fazer poético. Pode-se inferir também, por essa dicotomia, que o acento da língua é algo natural, imotivado, presente nos falantes, já o canto está no domínio de uma técnica específica, que pode ser conhecida também por falantes da língua que dominem a técnica do canto, no caso os trovadores e poetas quinhentistas à época do gramático.

A definição gramatical de Barros de sílaba segue a categorização da gramática greco-latina, que não considera sílaba apenas uma vogal isoladamente, pois a sílaba, nessa perspectiva, se forma pelo emprego de uma vogal com ao menos uma consoante: “aqual Syllaba é aiütamēto de hūa uogal, cõ hūa e duas e as uezes tres cōsoantes, que iütamente fazē hūa só uóz” (Barros, 1540, fol. 4r-4v). Essa distinção de sílaba, que é uma unidade formada por “ajuntamento” de uma vogal com consoantes é interessante para percebermos como os sons vocálicos e consonânticos eram considerados pelos gramáticos do Renascimento, assim

como na gramática antiga greco-latina. A notação fixa dos sons vocálicos pode ser considerada uma inovação da escrita desenvolvida inicialmente para a língua grega, na adaptação do sistema fenício para a criação do alfabeto (Cagliari, 2009, p. 58-62), o que denota que a partir dos gramáticos gregos os sons vocálicos passaram a ser padronizados e normatizados. A notação dos sons vocálicos, de certo modo, refletiu não só uma representação dos sons da fala, mas dos sons do canto musical, o que vinculou a escrita silábica à poética, desde a Antiguidade, sobretudo desde a hegemonia do sistema de escrita ático em Atenas, em 409 a.C., que teve um grande impacto no mundo ocidental.

Para exemplificar a quantificação de sílabas em língua portuguesa, João de Barros faz a divisão silábica do vocábulo *li-vros*: “Digo hūa cōsoante, quādo se aiūtā desta maneira, li, & cō duas, uro, & com tres, uros, que iūtamēte fazē este nome liuros” (Barros, 1540, fol. 4v). Essa divisão silábica demonstra como qualquer “diçam” (palavra) na língua portuguesa pode ser decomposta em sílabas, e esta, por sua vez, decomposta em letras vogais e consoantes. Essas unidades podem ser quantificadas e computadas numericamente, por serem o que eram consideradas nas categorias aristotélicas unidades discretas (Aristóteles, 1985, p. 49-50).

Na sequência de sua descrição da sílaba em língua portuguesa, João de Barros reforça a tese de que uma vogal isolada não constitui sílaba: “E por que ás uezes hūa só letera uogál sérue de syllaba, própriamēte a esta tál nā chamaremos syllaba: mas àquella que for compósta de uogal e cōsoäte” (Barros, 1540, fol. 4v). É interessante a ambiguidade da formulação do gramático, que se depara com duas realidades, primeiro o fato linguístico de que “hūa só letera uogál sérue de syllaba”, isto é, de que na língua portuguesa uma vogal isolada tem o valor de uma sílaba, mas a tradição grammatical greco-latina só considera sílaba o “ajuntamento” de uma vogal com ao menos uma consoante.

Em seguida, para marcar sua vinculação com o modelo grammatical greco-latino nega que uma vogal somente deve ser chamada de sílaba: “própriamēte a esta tál nā chamaremos syllaba”. Essa ambiguidade evidencia o pensamento linguístico dos gramáticos do Renascimento, que hierarquizavam o latim e o grego em relação às línguas naturais. Assim, se fatos linguísticos da língua portuguesa divergiam da descrição grammatical latina, havia uma tendência de buscar adaptar o vernáculo à língua clássica, mesmo que isso causasse alguma controvérsia interpretativa. Assim, para o gramático, a sílaba propriamente dita só era formada de uma vogal acrescida de uma consoante.

A analogia com a língua latina é patente, o que demonstra que a divisão silábica de língua portuguesa era uma extensão da divisão silábica do latim, o que confirma também a gramática de João de Barros como um morfótipo textual de “gramática latina estendida” (Auroux, 1992; Swiggers, 2019), conforme o modelo humanístico. O gramático comenta a divisão silábica de algumas dições (vocábulos) em latim: “Os latinos fazẽ ás uezes húa só syllaba com çinquo consoantes: como nestas dições, *scrobs*, *stirps*” (Barros, 1540, fol. 4r). As palavras latinas *scrobs* (trincheira, campo arado) e *stirps* (estirpe) são utilizadas como exemplos de vocábulos em latim constituídos com cinco consoantes em apenas uma sílaba, fato que não é observável em língua portuguesa.

Essa constituição de vocábulos em latim contrasta com o português que apresenta o máximo de sílabas com três letras consoantes, apoiadas em uma vogal, o que é apresentado a seguir: “A nóssa syllaba nam pássa de tres, como uimos nesta diçã atras, liuros, as quáes ou séruem no prícipio, como. Príçipe, ou no fim, como, Raínhas” (Barros, 1540, fol. 4v). Os exemplos de vocábulos da língua portuguesa são: *li-vros*, *Prín-ci-pe*, *Ra-i-nhas*, cuja divisão silábica atesta as sílabas com três consoantes: -vros, prín-, -nhas, tanto na posição inicial de vocábulos como na posição final. Essa regularidade da língua era vista como uma regra gramatical para o gramático com finalidade de ensinar a escrita em língua portuguesa já gramatizada, conforme os termos de Auroux (1992), por uma metalinguagem em língua portuguesa, que era derivada de uma metalinguagem latina.

| **Os três acidentes da sílaba e as diferenças entre o grego, o latim e o português**

João de Barros ao adaptar o conceito de sílaba da tradição grammatical greco-latina cita em sua descrição linguística os “acidentes” da sílaba: “Toda syllaba tem tres açidentes, Numero de leteras, Espaço de tempo, Açêto alto ou báixo” (Barros, 1540, fol. 4r). O metatermo acidente é de origem medieval, derivado da filosofia aristotélico-tomista, que predominou no contexto medieval europeu (Bagno, 2023, p. 137-143; Aristóteles, 1985), para Santo Tomás de Aquino (1225-1274) acidentes eram considerados propriedades, ou características que qualificam algo, mas não alteram a essência ou substância dessa coisa, isto é, os acidentes são variações de uma determinada coisa. No caso do emprego do metatermo por Barros, as sílabas em língua portuguesa podem variar em relação ao número de letras, ao espaço de tempo e no seu acento alto ou baixo, conforme a descrição quinhentista de sua gramática, e continuam mesmo assim a serem sílabas em sua essência.

Se na concepção aristotélico-tomista, os acidentes são meras propriedades ou características que existem em algo, mas que não constituem a essência ou substância dessa coisa, podemos inferir que a noção de variação linguística no século XVI estava vinculada a essa conceitualização filosófica para os gramáticos humanistas. Assim, enquanto na filosofia aristotélico-tomista, uma substância é o que algo é essencialmente, os acidentes são aspectos formais que podem variar sem alterar a identidade essencial da substância, o que nos dá uma noção de que havia a percepção de que as línguas naturais possuíam variações acidentais, inclusive umas em relação às outras, com um mesmo pensamento substancial. Essa centralidade do latim pelos gramáticos europeus tornava a teoria grammatical da tradição greco-latina um modelo universal, posto que viam no latim mais do que uma língua natural, ou incidental, mas uma língua essencial, ou substancial, para a gramatização das línguas naturais, o que foi a base da “*grammatica speculativa*” medieval (Auroux, 1992; Bagno, 2023, p. 142-143).

Uma sílaba, por exemplo, pode variar em número de letras, o que é relativo à categoria de quantidade aristotélica, mas se mantém como uma sílaba, assim como pode ser quantificada de formas diversas quanto ao seu espaço de tempo e variar no seu acento, também se mantendo ainda como uma sílaba, com qualidades diversas. O primeiro acidente descrito por João de Barros era a variação do número de letras das sílabas, pois independente de quantas letras uma sílaba tinha, de uma a três consoantes em português, ainda era uma sílaba: “O numero de leteras, ia ô uimos pelos exemplos atras” (Barros, 1540, fol. 4r).

O segundo acidente, o espaço de tempo, era relativo à prosódia da gramática greco-latina e uma tentativa de adaptação dessa prosódia à língua portuguesa. O grego e o latim antigo possuíam uma oposição de quantidade em suas vogais, que poderiam ser longas ou breves, João de Barros tenta adaptar esse fato linguístico à língua portuguesa: “Espaço de tēpo, por que hūas sam curtas e outras lōgas, como nesta diçā. Bárbara, que a primeira é lōga. & as duas sā breues” (Barros, 1540, fol. 4r). O vocábulo que é usado em língua portuguesa é Bár-bo-ra, em que o humanista vê resquícios do traço de quantidade na duração das vogais, ao considerar a primeira longa e as duas restantes breves.

Todavia, essa percepção, de um ritmo análogo entre as línguas grega, a latina e a portuguesa, não se dava na fala, mas sobretudo no canto, na poesia, quando o nome Bárbara era cantado em português: “Por que tāto tēpo se gásta na primeira, como nas duas seguintes, à semelhança dos musicos, os quáes tanto se detē no ponto desta primeira figura bár, como nas duas derradeiras, bo, ra” (Barros, 1540, fol. 4r). Dessa forma, no estudo da prosódia da língua portuguesa, a gramática chegava ao domínio da música, que era considerada na Idade Média

e no Renascimento também uma das artes liberais do trívio (Bagno, 2023), que não era, porém, uma tarefa teórica dos gramáticos.

Ao perceber que essa adaptação não era perfeita, o humanista comenta: “E os Latinos e Grégos, sentẽ melhor o tēpo das syllabas, por causa do uérso, do que ô nós sintimos nas trouas: por que casi mais espéra a nóssa orelha o consoâte, que a cãtidade, dado que a tē” (Barros, 1540, fol. 4r).

O tempo, ou a quantidade das sílabas, categorizadas em breves e longas, era sentida “melhor” em língua grega e língua latina, isto é, o gramático cita que a língua portuguesa como língua natural não apresentava o fenômeno da duração das vogais. Esse uso modalizado da linguagem no canto se dava na poesia versificada: “por causa do uérso”, e a métrica em uso nas línguas clássicas antigas diferia das trovas, das cantigas de trovadores, que marcavam fonologicamente a versificação em língua portuguesa: “ô nós sintimos nas trouas” (Barros, 1540).

A prosódia do latim alterou-se desde a Idade Média, com as mudanças linguísticas ocorridas no latim vulgar e nos romances, quando um acento de intensidade substituiu, gradativamente, a quantidade das sílabas (Bassetto, 2013). Já nos hinos cristãos medievais se pode notar que houve uma mudança no padrão métrico em relação à poesia da Antiguidade, com o emprego de acentos de intensidade (Gross, 2024). Posteriormente, as cantigas trovadorescas também registraram o acento de intensidade, como João de Barros descreveu em sua gramática em relação à língua portuguesa.

Durante o Renascimento, houve uma tentativa de resgatar a prosódia pelas regras da gramática greco-latina, mas não houve uma uniformidade nesse processo para que se adotasse a métrica do latim e do grego nas línguas naturais modernas, mesmo nas línguas românicas. A poesia renascentista de língua portuguesa consagrou padrões métricos pautados na quantidade de sílabas, como redondilhas, decassílabos e versos alexandrinos, ordenados por acentos de intensidade, como apresentado nas obras de Gil Vicente (1465-1536), Sá de Miranda (1481-1558) e de Camões (c. 1524-1579/1580), por exemplo, o primeiro citado por Barros (1540).

João de Barros comenta que a “orelha”, isto é, o órgão dos sentidos que capta exclusivamente a dimensão do som, espera mais a “consoante” do que a “quantidade” da vogal em língua portuguesa. Sua descrição gramatical é empírica, mas demonstra uma tendência histórica da língua ao consonantismo em sua prosódia: “por que casi mais espéra a nóssa orelha o consoâte, que a cãtidade, dado que a tē”. Dessa forma, podemos perceber que o gramático

afirma que a prosódia da língua portuguesa difere da prosódia da língua latina da Antiguidade.

Na sequência de sua descrição, João de Barros apresenta o último acidente da sílaba, conforme a sua gramática, o acento, chamado também de canto pelo gramático, em um tema que trata especificamente da prosódia da língua portuguesa sem fazer analogia com o latim:

O terceiro açidente da Syllaba, é canto alto ou baixo: por que como os musicos aleuantam & abaixã a uoz cantando, assy nos temos a mesma órdem, como nesta diçã, le,mos, que na primeira Syllaba aleuãtamos, e na segunda abaixamos (Barros, 1540, fol. 4r-4v).

Ao definir o canto como acidente da sílaba, João de Barros o distingue em duas espécies de acento, o alto e o baixo, o que, por adequação teórica, em termos contemporâneos pode equivaler a acento tônico ou átono: “O terceiro açidente da Syllaba, é canto alto ou baixo”. Como dado empírico observável, o gramático do século XVI não cita o uso da língua natural na fala, mas antes a observação dos músicos, os cantores quinhentistas, que cantavam trovas em língua portuguesa: “por que como os musicos aleuantam & abaixã a uoz cantando”. Esse “levantar e abaixar a voz cantando” dá indícios de uma prosódia pautada na tonicidade das vogais da língua portuguesa e a sua acentuação.

João de Barros apresenta um exemplo de prosódia da língua portuguesa: “assy nos temos a mesma órdem, como nesta diçã, le,mos”, com o exemplo do vocábulo “le-mos”, em que uma sílaba possui uma altura e outra sílaba uma altura diferente: “que na primeira Syllaba aleuãtamos, e na segunda abaixamos”, isto é, levantamos o acento na primeira sílaba le- e baixamos o acento na segunda sílaba -mos.

Dessa forma, o humanista demonstra como a prosódia da língua portuguesa não é vinculada mais à quantidade das vogais e das sílabas, mas há uma tonicidade que serve como elemento de classificação das sílabas, em uma oposição entre “canto alto” e “canto baixo”. A antiga oposição, ou correlação, longa e breve do latim e do grego clássicos é substituída pela nova oposição de alto e baixo, referentes ao atual acento átono e tônico da língua portuguesa, e como argumento de autoridade o gramático apresenta como fato linguístico o uso da língua pelos cantadores de trovas, que seguem a língua natural como ela é falada para serem compreendidos ao cantar.

João de Barros percebe que a diferença da prosódia do latim e do grego em relação à língua portuguesa não permitia uma adaptação perfeita do sistema silábico de quantidade de vogais em relação à “altura” do canto. Todavia, como essa era uma praxe do Renascimento, o humanista deixou comentado que ainda era uma possibilidade a ser debatida essa equivalência, mas não era prioridade em seu texto gramatical: “E dádo que em algúa maneira nos podéramos estender cõ régras pera a cantidade e acento das nossas Syllabas: leixamos de ô fazer” (Barros, 1540). Nesse sentido, sua gramática não é uma arte poética, mas uma descrição das regularidades da língua portuguesa e do seu uso, como uma gramática prescritiva para o ensino da língua portuguesa no contexto quinhentista (Buescu, 1984).

Por fim, seu último argumento acerca da prosódia da língua portuguesa levanta outro tópico, a metrificação da poesia na língua natural, a qual afirma que deve seguir as trovas, que tem medidas de pés, as redondilhas, em uma quantidade definida de sílabas, que se apoia em critérios de tonicidade das sílabas: “por que pera se bem exemplificar as suas régras ouuéra de ser em tróuas, que tem medida de pées, e cantidade de Syllabas” (Barros, 1540). Outro metatermo surge nessa descrição, o conceito de pé métrico, que desde os trovadores esteve vinculado em língua portuguesa à tonicidade das vogais e não à quantidade.

João de Barros comenta ainda que o tema não era muito debatido, pois as trovas eram obras praticamente anônimas, pois não se conhecia a sua autoria e seus autores não escreveram sobre a prosódia das obras, a sua arte poética, logo este era um assunto de natureza empírica à sua época: “E por que o tēpo em que se as tróuas faziā e os hómēes nam perdiā sua autoridáde por isso, é degradádo destes nossos reynos: ficará esta matéria pera quando o uso ô requerer” (Barros, 1540). Dessa forma, a temática da métrica torna-se uma matéria secundária em sua gramática.

| Conclusão

A título de conclusão, podemos inferir que João de Barros descreveu, com seus instrumentos de gramatização quinhentista, a prosódia da língua portuguesa, em sua descrição da sílaba como uma unidade mínima da fala e do canto na língua natural. Para desenvolver esse debate gramatical, o gramático estabeleceu uma metalinguagem em língua portuguesa e desenvolveu uma analogia direta com a prosódia em língua latina. Sua argumentação chegou a considerar canto e a poesia, ao comentar que os trovadores expressavam as unidades rítmicas da língua por acentos de tonicidade, diferentemente dos sistemas métricos da língua latina e grega, em que a oposição silábica se dava pela oposição da quantidade.

Sutilmente, o gramático, de acordo com o clima de opinião de sua época, afirmou que não era de todo impossível uma analogia entre o sistema de métrica da gramática greco-latina e o da língua portuguesa, enquanto língua natural, mas não tratou o tema como de grande relevo na descrição da língua, o que deixou margem de especulação para os poetas quinhentistas posteriores. Em seu período histórico, a proximidade com as línguas clássicas era sinônimo de prestígio para uma língua natural, mesmo que fossem analogias artificiais no emprego da língua (Bagno, 2023; Auroux, 1992).

Assim, pudemos perceber que o tema da quantidade vocálica na prosódia da língua portuguesa era mais relativo ao canto do que à gramática. Pudemos notar que a descrição metalingüística do gramático português apresentava uma noção de “canto alto” e de “canto baixo”, facilmente compreendida em termos atuais como acento tônico e átono (Bechara, 2009). Por fim, João de Barros em outro ponto de sua gramática retoma a questão da prosódia, ao comentar “a cantidáde das syllabas e a órdem dos pées” (Barros, 1540, fol. 54v) a que opõe a “óraçám soluta” (Barros, 1540, fol. 54v) e afirma “que de húa maneira fálam os poétas, e doutra os oradores” (Barros, 1540, fol. 54v).

Sua descrição gramatical sobre o conceito de sílaba é impressionante até os dias de hoje, por apresentar questões teóricas sobre a prosódia da língua portuguesa que são relevantes para o estudo da fonética e da fonologia contemporâneas. Sua gramática, certamente, foi muito influente nos círculos intelectuais de Portugal no século XVI, e muito provavelmente inspirou a formação de missionários europeus como Anchieta, que redigiu a sua arte grammatical no Brasil para a descrição da língua tupinambá, com o emprego do conceito de sílaba, além de diversas cantigas escritas na língua indígena, que seguiam os padrões da língua portuguesa. Revisitar a obra grammatical de João de Barros é um processo investigativo contínuo que pode revelar muito sobre a história da língua portuguesa e de sua difusão no mundo lusófono.

| Referências

ALTMAN, Cr. Zeitgeist Em homenagem a Evanildo Bechara por ocasião dos seus 90 anos. **Revista Confluência**, n. 55, p. 164-182, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.v1i55.276>.

ANCHIETA, J. **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990 [1595]. Disponível em: https://pml.cel.utad.pt/ViewEntry.aspx?id_entry=89. Acesso em: 04 jan. 2025.

ARISTÓTELES. **ORGANON. I- Categorias; II- Perírmeneias.** Tradução, prefácio e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães, 1985.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização.** Tradução Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BAGNO, M. **Uma história da línguística.** Vol. 1. São Paulo: Parábola, 2023.

BARROS, J. **Gramática da língua portuguesa.** Lisboa: Lodovicum Rotorigium, 1540. Disponível em: http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3302_por_Barros_01_1540_T01.htm Acesso em: 09 ago. 2024.

BASSETTO, B. F. **Elementos de Filologia Romântica. Vol. I História Externa das Línguas Românicas.** São Paulo: EdUSP, 2013.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUESCU, M. L. C. **Historiografia da língua portuguesa. (século XVI).** Lisboa: Sá da Costa, 1984.

CAGLIARI, L. C. **A história do alfabeto.** São Paulo: Paulistana, 2009.

CAVALIERE, R. **História da gramática no Brasil – séculos XVI ao XIX.** Petrópolis: Vozes, 2022.

GROSS, H. **Prosody.** Disponível em: <https://www.britannica.com/art/prosody>. Acesso em: 14 ago. 2024.

KALTNER, L. F.; SANTOS, M. C. S. dos. History of Linguistic Thought and Grammar Praxis in Brazil: Is It Possible to Periodize? **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2023.v4.n1.id679>. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/679>. Acesso em: 4 jan. 2025.

KOERNER, K E. F. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados.** Tradução Cristina Altman. Braga: Estúdio de Artes Gráficas, 2014.

SWIGGERS, P. Historiografia da linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: BATISTA, R. (org.). **Historiografia da Linguística.** São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80.

ZWARTJES, O. **Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550–1800.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

Como citar este trabalho:

KALTNER, Leonardo Ferreira; SANTOS, Melyssa Cardozo Silva dos. O conceito de sílaba em João de Barros (1540). **Revista do GEL**, v. 21, n. 3, p. 109-125, 2024. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>.

Submetido em: 14/08/2024 | Aceito em: 04/01/2025.